

EDUCAÇÃO

V.8 • N.3 • Publicação Contínua - 2020

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2020v8n3p778-785

E
INTER
FACES
CIENTÍFICAS

PANDEMIA, TECIDO SOCIAL E DESIGUALDADES

PANDEMIC, SOCIAL FABRIC AND INEQUALITIES

PANDEMIA, TEJIDO SOCIAL Y DESIGUALDADES

Camila Ferreira da Silva¹
Viktória Soares dos Santos²

RESENHA:

SANTOS, Boaventura de Souza. **La cruel pedagogía del virus**. Traducción: Paula Vasile. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2020. 88 p.

RESUMO

Trata-se de uma resenha crítica da mais nova obra do sociólogo português Boaventura de Souza Santos, intitulada “La cruel pedagogia del virus” e publicada pelo *Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales* (CLACSO) em abril de 2020.

PALAVRAS-CHAVE

Pandemia. Covid-19. Sociedade. Desigualdades.

ABSTRACT

This is a critical review of the newest work by Portuguese sociologist Boaventura de Souza Santos, entitled “La cruel pedagogia del virus” and published by the Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO) in April 2020.

KEYWORDS

Pandemic. Covid-19. Society. Inequalities.

RESUMEN

Esta es una revisión crítica del trabajo más reciente del sociólogo portugués Boaventura de Souza Santos, titulado “La cruel pedagogía del virus” y publicado por el Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO) en abril de 2020.

PALABRAS CLAVE

Pandemia; Covid-19; Sociedad; Desigualdades.

A terceira década do século XXI trouxe em sua esteira uma ampliação das incertezas que já vinham marcando a vida social em diferentes contextos do globo, a pandemia, que começou a se desenhar nos primeiros meses de 2020 por meio de uma nova variante do vírus SARS-CoV-2, causador da COVID-19, tem escancarado desigualdades sociais de ordens diversas, recolocando questões em torno da vulnerabilidade social a que grupos e até mesmo populações inteiras estão sujeitos cotidianamente. Temos assistido a rápidas transformações sociais provocadas pela necessidade de respostas frente ao cenário pandêmico, as quais tendem a: traçar uma nova governança no âmbito da saúde global; evidenciar as contradições dos caminhos neoliberais e ultraconservadores a que muitos países aderiram nos últimos anos; e ainda, reconstruir as nossas relações sociais e o modo como convivemos.

Nessa conjuntura de metamorfoses, ratifica-se o papel dos intelectuais e cientistas em frentes complementares de reflexão e de ação – na corrida contra a disseminação do vírus, nas investigações que objetivam uma solução e possibilidades de tratamento, na discussão e luta pela garantia da proteção social prevista nos direitos fundamentais, na compreensão dos processos sociais que estamos a viver e de seus possíveis desdobramentos.

Pensar o tempo presente sempre se apresentou como um grande desafio para os intelectuais, posto que é um exercício que os leva a lidar com o tempo natural, o tempo social e o tempo de refletir sobre os fenômenos que se apresentam à sua frente (ROSA, 2015). A pandemia em questão acirra ainda mais tal exercício reflexivo, pois traz elementos de medo, morte, perda, injustiças etc. que nos devastam a todos. Este é o contexto de produção do mais novo livro de Boaventura de Souza Santos, *La cruel pedagogia del virus*, do qual nos ocupamos nesta resenha.

Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (UC), Boaventura de Sousa Santos é um renomado sociólogo, professor e pesquisador português com doutorado em Sociologia do Direito pela Universidade de Yale e Distinguished Legal Scholar da Universidade de Wisconsin-Madison. Atualmente é Diretor Emérito do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e Coordenador Científico do Observatório Permanente da Justiça Portuguesa³.

Suas investigações têm ganhado espaço nas últimas décadas em países como Portugal, Brasil, Equador, Colômbia, Cabo Verde, Moçambique e Angola, ao passo que seus trabalhos, além de circular em países de língua portuguesa, foram traduzidos para espanhol, inglês, italiano, francês, alemão, chinês, romeno, dinamarquês e polaco. Sua envergadura e alcance podem ser explicados tanto pelos seus temas de pesquisa, quanto pelo seu olhar crítico sobre as desigualdades sociais em escala mundial frente às interdependências entre um Norte e um Sul globais.

Os principais temas com os quais Boaventura tem se ocupado podem nos dar uma pista do porquê de seu interesse em analisar o cenário pandêmico de 2020 – aqui destacam-se a sociologia do direito, a sociologia política, a epistemologia, os estudos pós-coloniais, temáticas ligadas aos movimentos sociais, aos processos de globalização, à democracia participativa de nosso tempo, ao Estado, às formas de governança e aos direitos humanos.

3 Para um maior detalhamento sobre a biografia do autor, consultar sua página eletrônica (<http://www.boaventuradesousasantos.pt/pages/pt/homepage.php>), ou ainda, a página eletrônica da Universidade de Coimbra (<https://ces.uc.pt/pt/ces/pessoas/investigadoras-es/boaventura-de-sousa-santos>).

Nesse sentido, em *La cruel pedagogía del vírus* essas temáticas acabam por emergir sob uma nova circunstância: a pandemia da Covid-19 e as desigualdades que a partir dela são trazidas à superfície, onde não se pode mais ignorá-las. Boaventura toma à análise esta pandemia com um olhar reflexivo para as crises econômicas, financeiras e histórico-sociais, destacando o fato de que muitos governos não se encontram preparados para combater emergências desta magnitude, visto que o modo de vida perpetuado pelo capitalismo – e no qual tais governos se forjaram – preocupa-se predominantemente em obter lucros, pelo que relega ao segundo plano a preservação da vida.

O autor evidencia que, em tempos de pandemia: i) as desigualdades sociais são potencializadas e grupos sociais antes esquecidos e marginalizados agora sofrem ainda mais para garantir sua sobrevivência; ii) os modos de vida baseados em consumo desenfreado e em destruição massiva da natureza constituem elementos que possivelmente levarão à extinção de vidas humanas e não-humanas; iii) a necessidade de pensar alternativas para modos de viver dignos ganha novo fôlego e torna-se tarefa inadiável neste momento.

O livro esclarece desde sua apresentação que não tem como objetivo uma pura e simples documentação do pessimismo frente à pandemia que o mundo enfrenta neste momento, ao contrário, o autor coloca a tarefa de provocar reflexões no sentido da construção de ferramentas para a transformação social. A obra é organizada em cinco seções, as quais são responsáveis por traçar uma abordagem que parte da tipificação da sociedade capitalista nas últimas décadas – responsável por situar o terreno social no qual a pandemia se coloca –, desemboca na ratificação da necessidade de pensarmos e construirmos alternativas que garantam a dignidade para a humanidade e para o planeta.

Boaventura de Souza Santos inicia a primeira seção de sua obra, intitulada *El vírus: todo lo que es sólido se desvanece en el aire*, apontando que as situações de normalidade e de excepcionalidade podem revelar coisas diferentes de determinadas instituições, portanto, levanta o seguinte questionamento: quais são os conhecimentos que surgem com a pandemia do corona vírus, afinal? Nesse sentido, o autor elenca situações relacionadas a aspectos financeiros, econômicos e histórico-sociais que, sendo historicamente (e, muitas vezes, convenientemente) apontados como “crise”, em tempos de pandemia acabam por ser agravados.

Portanto, temos que a atual situação pandêmica não é oposta à “normalidade” anterior que subsequentemente a antecede, mas, nessa relação, a pandemia potencializa situações precárias às quais a população mundial é submetida cotidianamente há pelo menos quarenta anos⁴. Sendo assim, a emergência de problemas sociais já conhecidos e amplamente ignorados, pautados nas desigualdades sociais e as rápidas transformações a que estamos sujeitos para o enfrentamento do vírus são responsáveis por desmascarar a perspectiva de que não há alternativas ao modo de vida que nos é imposto no contexto de hipercapitalismo.

Na segunda seção da obra, *La trágica transparencia del vírus*, o autor usa esta metáfora da transparência *versus* opacidade para estabelecer uma correlação bastante relevante para pensarmos o cenário pandêmico: tanto o vírus quanto o mercado funcionam como seres invisíveis, onipresentes e determinantes para os rumos da humanidade. Boaventura assevera que, mesmo em um momento tão difícil como o da pandemia, o mercado tem dado mostras de que espera que continuemos a atuar como seus vassalos, prestando-lhe todas as devoções em detrimento de toda a dor e medo, as quais têm assolado nossas vidas.

4 O autor toma aqui os anos 1980 como marco do alastramento mundial da perspectiva neoliberal na atuação dos Estados.

A pandemia é tomada, então, como uma alegoria nessa seção, sendo uma instância que reserva um medo caótico generalizado, a morte sem fronteiras e um inimigo invisível. Os principais modos de dominação social apontados pelo autor – o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado – são apontados como os “unicórnios” modernos, na acepção de Leonardo Da Vinci, que, ferozes, indomáveis e destemperados, colocam-se com a opacidade necessária para perpetuar sua dominação transparente e silenciosa.

No combate ao vírus o polo político, os atores da governança em cada território nacional, de modo geral não tem cumprido seu dever de mediar as necessidades da população, ao passo que sua função tem priorizado sobremaneira o espaço do mercado e da economia, sendo os três unicórnios supracitados responsáveis por este tipo de direcionamento⁵. Ao final dessa seção, Boaventura de Souza Santos afirma a necessidade de intelectuais estarem atentos às necessidades das populações, posto que, semelhante aos políticos, têm abandonado tais questões dos cidadãos comuns em função de divergências puramente ideológicas.

Em *Al sur de la cuarentena*, terceira seção do livro, o autor salienta que qualquer quarentena é sempre discriminatória, posto que é vivenciada de maneiras diferentes e injustas por cada grupo social. Evidencia-se no momento da discussão que as vulnerabilidades às quais determinados sujeitos sociais estão expostos precedem a pandemia, são potencializadas por ela: aqui Boaventura utiliza um de seus constructos teóricos mais reconhecidos para sintetizar quem são esses sujeitos e que posição social ocupam, trata-se do conceito de “Sul” (SANTOS, 2010), o qual é capaz de situá-los em um espaço-tempo político, social e cultural. As mulheres, os trabalhadores informais, os vendedores ambulantes, as pessoas sem lugar para morar ou moradores de rua, os moradores de lugares precários, os refugiados, os deficientes físicos e os idosos são tomados pelo autor como exemplos desses grupos em situação de vulnerabilidade. Para essas pessoas a quarentena e o isolamento social podem ser ainda mais difíceis, pois as injustiças e desigualdades – frutos da exploração capitalista, da discriminação racial, sexual e de gênero etc. – marcam suas vidas dentro e fora da pandemia. Dessa maneira, a desigualdade social, que por muitos é ignorada, se torna escancarada em tempos de pandemia até para os que não querem enxergá-la ou compreendê-la.

A quarta seção do livro recebe o título de *La intensa pedagogia del vírus: las primeras lecciones* e é responsável por apresentar seis lições provenientes da atual pandemia, as quais podem ser sintetizadas da seguinte forma:

i) A mídia e os poderes políticos exercem um papel crucial sobre o modo como a sociedade percebe os riscos a que está exposta, destacando-se aqui uma tendência à minimização e ao ataque às consequências e não às causas dos problemas;

ii) Há limites para a compreensão de que as pandemias matariam indiscriminadamente e estes limites estão na geopolítica, na dominação social, nas desigualdades e diferenças entre os países (e entre grupos em um mesmo território);

iii) A pandemia nos ensina que o capitalismo que experienciamos atualmente, que advém da junção entre o neoliberalismo e a ênfase no capital financeiro, não tem futuro, ao passo que ele nos conduziu para este abismo;

⁵ No âmbito do debate sobre os principais direcionamentos dos Estados-nações frente à pandemia, nos quais destacam-se os abusos à democracia, Boaventura dialoga com os filósofos Giorgio Agamben e Slavoj Žižek.

iv) A fragilidade da extrema-direita e da direita hiper-neoliberal no mundo vem se comprovando em tempos de pandemia, uma vez que suas tônicas numa espécie de darwinismo social demonstrou o completo descaso desses governos pela vida – Inglaterra, Estados Unidos, Brasil, Índia, Filipinas e Tailândia são citados por Boaventura como exemplos desta questão;

v) O colonialismo e o patriarcado deram mostras de que ainda se perpetuam na geopolítica mundial e de que acabam por ser reforçados em momentos de crise;

vi) Tem se desenhado um retorno ao Estado e à comunidade como possível resposta ao cenário pandêmico, e aqui a virada está na crítica à supremacia do mercado que foi legitimada nas últimas quatro décadas.

Por fim, na quinta e última seção, *El futuro puede comenzar hoy*, o autor defende a necessidade de pensar em alternativas para o nosso modo de viver que sejam capazes de proporcionar dignidade para a humanidade e para o planeta. Se a pandemia traz medos, incertezas e dor, como afirmou Boaventura nas primeiras seções do livro, ela dialeticamente também é capaz de gerar respostas diferentes e novos caminhos. Para o autor, as novas trilhas dependem de uma viragem epistemológica, cultural e ideológica capaz de sustentar soluções políticas, econômicas e sociais alternativas. Nesse sentido, será preciso criar um senso comum, que ultrapasse a desvalorização da vida de alguns grupos sociais e as discriminações raciais e sexuais.

Boaventura de Souza Santos nos apresenta, portanto, um livro curto, de linguagem fácil e convidativa que, sem reservas, escancara as bases sociais desiguais que serviram para a disseminação e caracterização da pandemia que atravessamos em 2020. Mesmo reconhecendo a limitação óbvia do exercício de analisar o cenário pandêmico atual, dado o potencial de caos e de rápidas transformações de qualquer pandemia, o autor não denegou seu papel de intelectual no sentido de contribuir com as reflexões em torno da realidade que tem se apresentado para nós desde os primeiros meses do ano.

A obra tem sua riqueza na capacidade de Boaventura de Souza Santos de elaborar correlações e respostas para as relações sociais em tempos de pandemia. As diferenças e desigualdades geopolíticas dão a forma com a qual o vírus vai prosseguindo em cada país, em cada região, no Norte e no Sul global; além disso, o modo como alguns grupos sociais têm sido tomados como descartáveis por diferentes governos expressa o abismo em que nos encontramos. A defesa de que a pandemia não gera as desigualdades sociais, posto que são as desigualdades que antecedem a disseminação do vírus e lhe conformam é, certamente, uma das defesas mais eloquentes da obra, posto que atravessa contextos apartados geograficamente, mas interdependentes no cenário de mundialização em que vivemos.

Destaca-se, ademais, a importância de a Biblioteca do Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO) e da Almedina – editoras da obra respectivamente em língua espanhola e em língua portuguesa – disponibilizarem este livro em formato pdf na internet gratuitamente. Em tempos de pandemia e frente ao avanço do apelo à privatização da educação, da ciência e do conhecimento, torna-se ainda mais fundamental ratificar a importância da ciência como um bem público e da relevância do acesso aberto à produção científica.

REFERÊNCIAS

ROSA, Hartmut. **Social acceleration**: a new theory of modernity. New York: Columbia University Press, 2015.

SANTOS, Boaventura de Souza. **La cruel pedagogía del virus**. Traducción: Paula Vasile. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. *In*: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

Recebido em: 10 de junho de 2020

Avaliado em: 15 de julho de 2020

Aceito em: 28 de julho de 2020



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

1 Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Nova de Lisboa – UNL/Bolsa Erasmus Mundus; Pós-Doutorado em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; Professora Adjunta da Universidade Federal do Amazonas – UFAM; Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFAM. E-mail: cfsilva@ufam.edu.br. Manaus/ Amazonas/Brasil

2 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM). E-mail: soaresvic709@gmail.com



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilha Igual CC BY-SA

